



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº28 ♦ NOVEMBRO/DEZEMBRO ♦ 1993 ♦ BIMESTRAL



EDITORIAL

O NATAL SEGUNDO JOÃO DOS SANTOS

O MAIS IMPORTANTE SÃO OS PRESENTES

PÁG2/3

A esperança, os ideais e as boas-vontades são quase só o que resta no mundo, dividido entre o compromisso e a vida — de homens e mulheres, crianças e velhos. É assim não obstante ser Natal.

Mesmo sendo Natal, a guerra e a destruição são explicadas com táticas e estratégias políticas. Algures, morre gente em nome de tudo, menos do direito que se tem como inalienável de existir como se é.

Aos intervenientes falta certamente tempo para olhar à volta e perceber que há meios que estão muito para lá dos fins: pelos que envolve, pelos que esquece, pelos que mutila, pelos que mata. E se no meio de todos estes são muitas as crianças, isso tem um significado temporal, porque intemporal é a existência; e as pessoas, essas, têm um percurso de vida que começa na infância e atinge — quando é possível — a plenitude.

E é quando se fala da penitência do homem e da mulher que a condição da criança hoje é preocupante. O amanhã é daqui a pouco. De repente, o sapatinho na chaminé ganha a forma de um sonho, de um projecto de vida. Do significado do sapatinho à importância do sonho e do projecto, o caminho é curto. Que tem de ser percorrido, sob pena de se perder a alegria de brincar, o gosto de aprender, a utilidade de construir.

O Natal devia ser uma oportunidade, uma pausa. Para parar, se não de vez, pelo menos pelo tempo necessário para entender que a destruição deveria estar limitada pela capacidade que quem destrói tem de reconstruir. Antes que seja tarde de mais.



FOTOGRAFIA F. LANÇA

AZEREDO PERDIGÃO

POR
FERRER CORREIA

PÁG4/5

A DELINQUÊNCIA JUVENIL

NUM TEXTO
DE MANUEL COUTINHO PÁG6



O NATAL VISTO POR JOÃO DOS SANTOS

JOÃO DE SOUSA MONTEIRO — *Existirá alguma outra lenda, algum outro mito, alguma outra história que seja tão conhecida, tão universal, tão popular como a lenda do Natal? Parece um conto infantil que cada pessoa se conta à si própria e é depois colectivamente encenado. É curioso como as pessoas, a começar pelos adultos, entram entusiasmados na história, transformam-se quase em personagens de presépio, gozam esta lenda exactamente como se fossem crian-*

ças. Parece uma dramatização colectiva de um conto infantil.

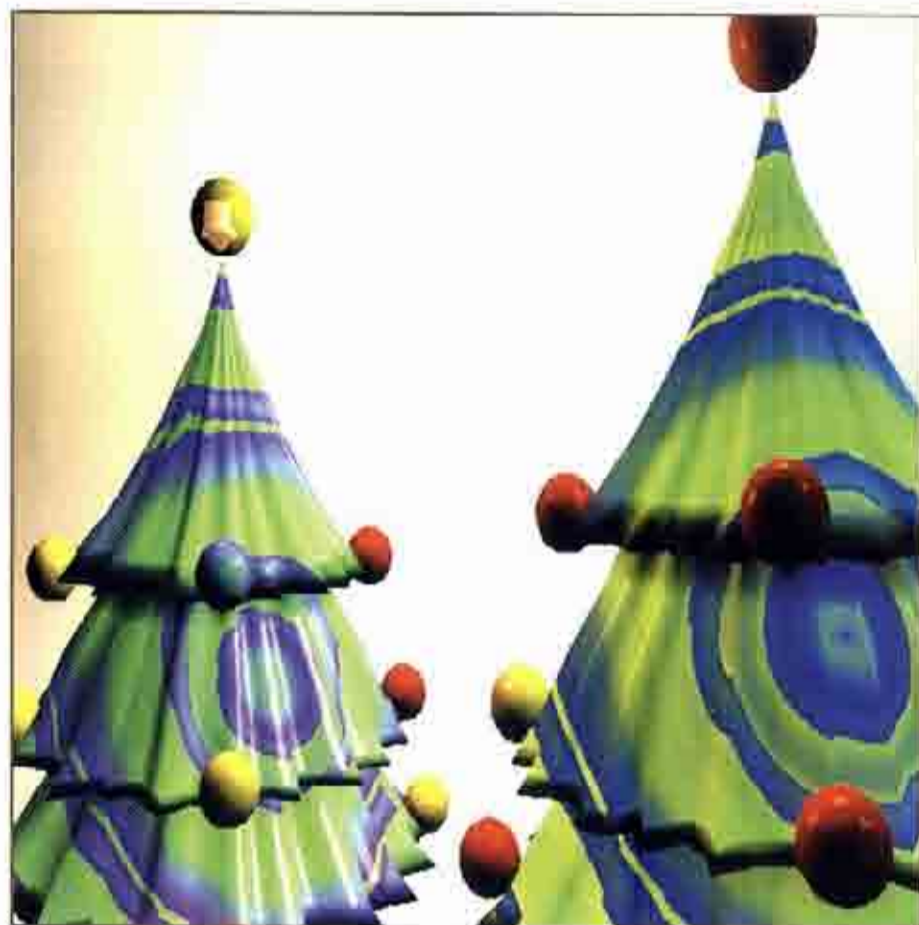
JOÃO DOS SANTOS — É que há uma realidade interna para cada pessoa e há depois certas realidades externas e colectivas em comum por toda a gente. É curioso comparar a forma de sentir do Pessoa-Criança e do Menino Jesus que faz dele um poeta, e a forma de sentir do Pessoa-adulto com vestígios de recordação infantil do seu "romance familiar". A verdade de cada um é procurada através de tudo isso. É por isso que a intimidade

das pessoas não faz sentido lógico. Não faz sentido porque há um Menino Jesus que se mete nos nossos sonhos e que atrapalha tudo e que baralha os sonhos. Esse Menino Jesus é a nossa infância.

ISM — *Há uma passagem das suas Crônicas Quase Moralistas que gostava de lhe ler. Diz assim: "O Natal é a festa que na meninice mais nos alicia porque se inspira na história do nascimento mitificado de uma criança e porque toda a família se reúne e se comem gulosinhas, mas o mais importante, porém, são os presentes que, na presença de todos e com muitos doces, se recebem como prémio da nossa inocência de meninos, melhor dito, da nossa suposta ignorância acerca da forma como se geram e aparecem os bebés".*

JS — Pois, porque o suposto pecado da criança é saber demais. A criança tem uma ideia sobre a vida dos adultos e ao princípio revela-a. Antes dos 4 ou 5 anos, a criança revela o que pensa acerca disso e as pessoas aceitam, revela o seu pensamento, as suas intenções, mostra até os seus impulsos, e depois, a partir de certa altura, cala-se, o que quer dizer que fica com uma situação culposa.

A criança apercebe-se que há coisas na vida dos adultos que são consideradas perniciosas, que não devem ser ditas nem feitas senão num grande segredo, ou de forma



JOÃO DOS SANTOS, NAS SUAS CONVERSAS NA RADIO COMERCIAL, COM JOÃO DE SOUSA MONTEIRO (QUE DARIAM MATÉRIA PARA DOIS LIVROS), FEZ UM CONJUNTO DE CONSIDERAÇÕES SOBRE O NATAL E O SEU SIGNIFICADO ÚLTIMO E INDIVIDUAL, DE QUE REPRODUZIMOS EXCERTOS

simbólica, como brincar aos pais e às mães, por exemplo. Se não recebesse um presente, a criança poderia dizer de si mesma: "Eles sabem de qualquer coisa acerca de mim".

(...)

Quando há uma festa com o Menino Jesus que é puro e que nasce de uma mulher pura e de um homem santificado e se recebem presentes, é como se a pessoa da criança fosse absolvida, porque há a imagem do Menino que é inocente e puro e há os presentes que são uma gratificação que comprova que afinal não se está em pecado. É como se a criança dissesse a si mesma "eu afinal não estou em pecado", ou então, "eles não sabem que eu estou em pecado, mas estou, porque pensei coisas mas, porque



BOLETIM DO IAC
N.º 28
NOVEMBRO/DEZEMBRO
1993

director
Manoel Freixo Amargo
coordenação
Grácio Mendes do IAC
António Torrado
Cláudio Castilho
Leonor Santos

edição
Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 141
1300 Lisboa

concepção gráfica
e produção
Joana Imaginária
folhetos
Roseta, Lda
impressão
Tipografia Lugo
depósito legal
N.º 24 186/94
tiragem
3000 ex.



sou malicioso e fiz maldades... se recebi presentes é porque eles pensam que eu não fiz pecados". A festa do Natal é portanto qualquer coisa que atenua, ou anula, a culpabilidade.

JSM — *Mas os adultos sentem uma coisa muito semelhante. Também para eles o ritual da comida e dos presentes tem em geral uma enorme importância. (...) E donde é que vem a euforia do Natal, vivida tão intensamente tanto por crianças como por adultos? Há uma espécie de alucinação colectiva que dura uns dias em que parece que as pessoas andam todas a contar a si próprias uma história fabulosa em que não podem acreditar...*

JS — ... que é sempre a história da descupabilização. A festa do Natal é descupabilizante por natureza, por aquilo que nós já falámos. Somos absolvidos e toda a gente é tolerante para com os adultos. O Menino Jesus é mais que tolerante, é passivo, é generoso, e as crianças identificam-se com Ele, ou não se identificam, fazem um esforço nesse sentido, o que já é também descupabilizante.

JSM — *É estranho que essa lenda seja única. Não conheço nenhuma parecida.*

JS — Na verdade não me recordo de ter lido ou ouvido qualquer outra história com tal relevo, mas de facto é uma história que não me surpreende. Reflectindo sobre ela, parece-me que era inevitável que fosse inventada.

A educação, como os mitos, como as religiões, como a realidade que nós sabemos existir fora de nós, são suportes para as coisas boas e más que inventamos dentro de nós, sobretudo na infância. Portanto, a história do Menino Jesus enquadra-se perfeitamente naquela parte da criança que quer promover a idealização dos pais e proclamar a inocência do menino, que por ser menino e ser deus

não o culpa de nada.

Cada pessoa serve-se do que está à sua volta como suporte da realidade que lhe convém mais, e é por isso que a gente fala uns com os outros, é por isso que há diálogo, porque se as coisas fossem como vêm nos dicionários, como eu dizia no outro dia, cada pessoa andava com um dicionário debaixo do braço e não precisava de dialogar.

JSM — *E toda a gente inventa para si própria, secretamente, uma história assim, sem nunca ter, se calhar, a mínima consciência disso, até que um dia encontra essa histó-*

ria fora de si, dá-lhe uma objectividade aceitável e mete-se a si próprio dentro da história com a maior candura. É como se tivesse ido ao cinema ou se estivesse a ler um romance entusiasmante e se identificasse com o herói da história. Realmente, o Menino Jesus é uma espécie de herói dum história que toda a gente se conta, em segredo, sem o saber.

JOÃO DOS SANTOS. *Se não sabe porque é que pergunta?*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1988

EXPOSIÇÃO DE PINTURA NO C.C. DE BELÉM

POR AMOR À CRIANÇA

Num ano de celebração dos 10 anos do IAC, entre um conjunto de actividades destacou-se a exposição de pintura que esteve patente ao público, de 2 a 8 de Novembro, no Centro Cultural de Belém. Nela se pôde ver uma panorâmica da pintura portuguesa actual, com a oferta pessoal de obras de 115 artistas e com 72 serigrafias oferecidas por Manuel Brito, da Galeria 111.

Além de um importante acto cultural, a exposição é também — salientaria Manuela Eanes na inauguração — e principalmente “um encontro fraterno e generoso de artistas com as crianças portuguesas, para quem desejamos uma vida com mais bem-estar e mais dignidade, mais afecto, mais manhãs de esperança, e o amor sereno de uma família (de origem, de acolhimento ou de adopção) que, tal como preconiza a Convenção Mundial dos Direitos da Criança, é fundamental para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade”.

A ideia desta exposição nasceu há mais de um ano, altura em que se iniciaram reuniões no sentido de pôr o projecto de pé, o que acabaria por ser possível graças aos apoios que vieram, com o maior empenho e entusiasmo.

Para este evento de elevado significado muito contribuíram Helena Tomic e José Castelo Branco, da Galeria Escada 4, Maria José Leónidas Teixeira Santos e Gisele Monteiro da Silva Porto, da Prestimagem.

Refiram-se ainda as colaborações de Clara Lelo (arranjos florais), da Editorial Império (catálogo), da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Cultural de Belém (que cedeu as instalações), das câmaras municipais de Lisboa e de Oeiras e dos CTT.

AZEREDO PERDIGÃO

A. FERRER CORREIA

JOSÉ Henrique de Azeredo Perdigão foi um dos portugueses mais ilustres do presente século. Sobre ele, gostaria de poder traçar, com palavras eloquentes, a longa caminhada pela vida do Doutor Azeredo Perdigão. Tais palavras não as tenho eu, porque as muitas que tivesse seriam sempre pobres para descrever o perfil desse grande homem. Tentarei por isso outro caminho: em vez da grandiloquência, a sobriedade; em vez do discurso elogioso exaustivo, a recordação das fases e momentos mais significativos da existência deste varão ilustre, que continua e continuará vivo na memória do País.

Azeredo Perdigão já em estudante se elevava ao plano do mérito excepcional. Concluídos os estudos liceais em Viseu, vai ser aluno do 1.º curso da Faculdade de Direito de Lisboa, onde alcança as classificações mais elevadas. Banal incidente força-o, nas vésperas do exame final do bacharelato, a dirigir-se a Coimbra, onde requer admissão às respectivas provas na Faculdade de Direito coimbrã, de que era a esse tempo Director o Doutor José Alberto dos Reis. O requerimento é deferido pelo Conselho Escolar, mas com a condição de o requerente se sujeitar aos programas nesse ano vigentes na Escola. Apesar do "handicap" que tal exigência, aliás bem razoável, implicava, Azeredo Perdigão apresenta-se a prestar provas em Janeiro de 1919 e obtém no acto uma classificação só atribuível aos membros de um escol. Por Coimbra se poderia ter quedado, preparando o doutoramento, se a sua ambição e o seu destino na vida fossem a carreira académica e a cátedra universitária. Mas não eram. Azeredo Perdigão sente-se naturalmente vocacionado para as lides do foro, onde havia de marcar lugar de excepcional relevo.

Logo volta a Lisboa, onde monta banca de advogado, e nessa profis-

são atinge anos volvidos as cumeadas da glória. É que à sólida armadura de princípios jurídicos que trazia da Faculdade vêm juntar-se dotes que muito raramente se encontram reunidos em tão grandes proporções na mesma pessoa. A Providência concedeu-lhe invejáveis talentos. É um lutador, que só perante o irremediável desiste da lide. Tem um espírito analítico acutilante, excepcionalmente fino e incisivo, de que se vale para estudar, investigar, escarpelizar os factos relevantes da causa, em peças forenses — alegações orais e escritas — cuja profundidade e rigor em breve ganham justa fama. A essa tarefa segue-se a subsunção da matéria de facto assim apurada às categorias e princípios jurídicos apropriados, numa demonstração de autêntico virtuosismo. Não sei se alguma vez terá sido igualado nesse labor que toca a perfeição, mas tenho para mim que jamais foi excedido. Muitos consideram Azeredo Perdigão o maior causídico e barrista de sempre. Vamos encontrá-lo ao longo de quatro decênios como primeira figura de muitas causas célebres, desde a falência da Torlades, aos casos Ricardo Covões, Carvalho Serra, Isidoro, Vieira de Brito, António Luís Gomes e a Santa Casa da Misericórdia do Porto, o caso de Santo Tirso, tantos mais. Em todos esses pleitos deixa Perdigão marcado o seu sinete pessoal inconfundível, em todos eles refulge o seu brilhante talento.

Mas ele não é só advogado e jurisconsulto eminente, é também um jurista consumado, aliando a teoria à prática. Profundamente reflecte sobre o significado e valor dos princípios jurídicos, sobre a essência do Direito. Medita sobre os conceitos de direito justo e norma positiva, sobre a antinomia direito e lei. Sabe que o direito não se reduz a lei e escreve belas páginas sobre o tema da insuficiência da lei como sistema de normas de conduta social,

assim como sobre a crise do individualismo e suas manifestações na ordem jurídica. E quando em 1962 a velha Escola de Direito coimbrã toma a deliberação de lhe outorgar a mais elevada distinção académica, a laurea doutoral, o facto a ninguém surpreende: ele vem coroar uma carreira verdadeiramente gloriosa e constitui merecida homenagem da Faculdade a quem como poucos soube defender os valores jurídicos, a quem como poucos honrou a toga de advogado, nobilíssima profis-



ÃO

são. Homenagem justa, decerto, que só pecava por se ter feito esperar demasiado.

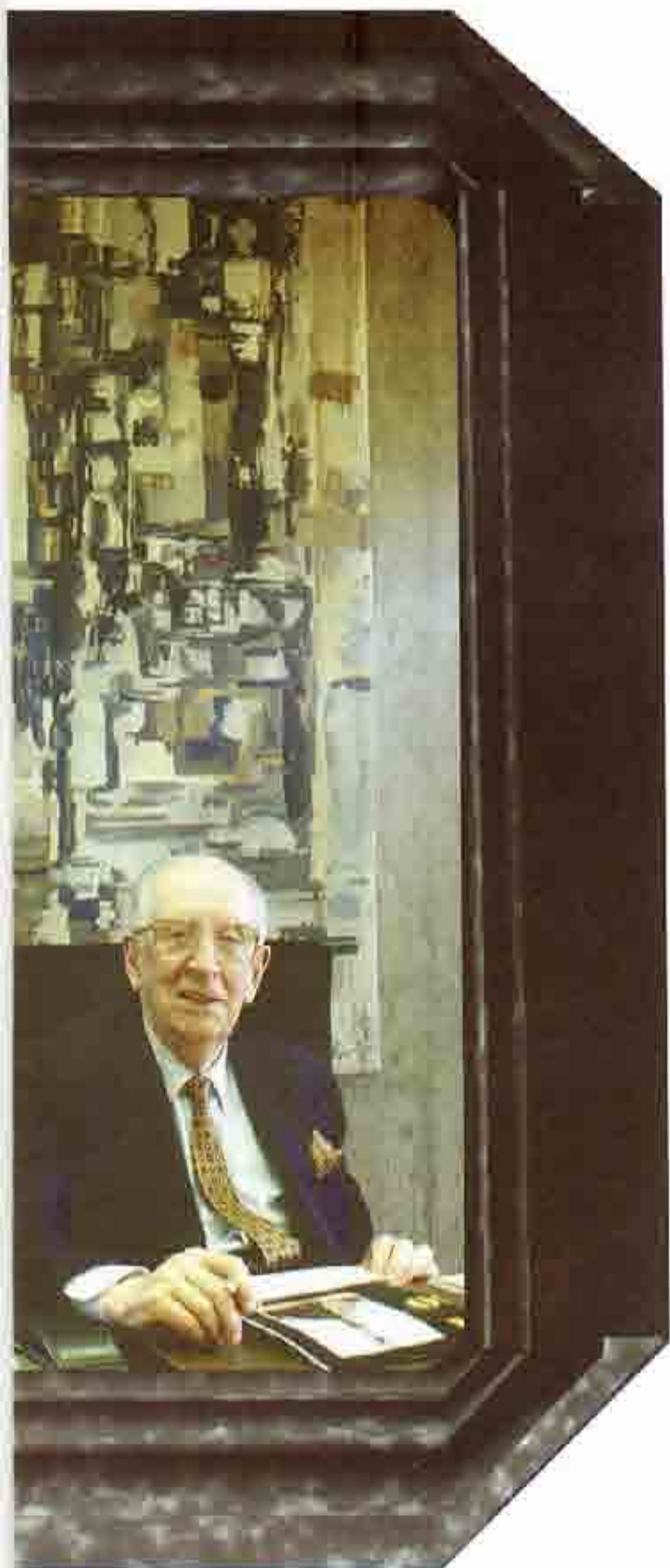
Pode dizer-se que a obtenção do grau de doutor em direito *honoris causa* — momento altamente significativo no brilhante *cursus honorum* de Azeredo Perdigão — marca simbolicamente o termo das suas actividades iorrenses. Daqui em diante a sua causa vai ser outra: vai ser a causa da Fundação Gulbenkian. De corpo e alma se lhe dedica Azeredo Perdigão, que em 10 de Setembro de 1956 é

escolhido pelo Conselho de Administração, por deliberação unânime, para seu Presidente.

No início da década de 60, a Fundação Gulbenkian, sob a superior orientação e o firme impulso do seu Presidente, entra numa fase de desenvolvimento prodigioso. São criados e dinamizados os Serviços de Beneficência, de Belas Artes, de Bibliotecas Itinerantes, de Bolsas de Estudo, de Ciência, de Comunidades Arménias, de Educação e Cultura, Internacional, Música, Museu, Biblioteca de Arte, Projectos e Obras e Ultramar. É criada em Londres uma delegação da Fundação e em Paris um Centro Cultural Português; ainda em Paris, é colocada a primeira pedra de uma residência para estudantes e pós-graduados, na Cité Universitaire. É criado em Oeiras o Instituto Gulbenkian de Ciência e mais tarde o Centro de Estudos de Investigação Pedagógica. Os Festivais Gulbenkian de Música atingem entretanto o apogeu e assistimos ao aparecimento da Orquestra Gulbenkian — que de início não é mais do que um agrupamento de câmara —, do coro sinfónico e da companhia de bailado. Contemporaneamente, surge no Serviço de Educação um sector editorial, cujo primeiro objectivo é pôr ao alcance do público universitário (sobretudo dos estudantes, mas sem esquecer os professores) obras nacionais ou estrangeiras do melhor nível, em edições cuidadas e de preço módico. A esta série, a que chamámos dos manuais universitários, seguem-se a de textos clássicos e a de cultura portuguesa.

Tudo isto se faz nos anos 60, que correspondem, assim, à fase de maior desenvolvimento e expansão da Fundação Calouste Gulbenkian; ela culmina com a inauguração, em Outubro de 1969, dos edifícios da sede e do museu. Os tempos seguintes caracterizam-se preferentemente pela consolidação dos resultados do imenso labor realizado. Mas a imaginação criadora de Azeredo Perdigão é infatigável. Ultrapassada a crise passageira do 25 de Abril, recobrada a paz externa e interna, ei-lo que retoma, com a mesma clarividência e tenacidade de sempre, um velho projecto — ei-lo de novo empolgado pela aventura

de inventar o futuro. O projecto é o da construção de um Centro de Arte Moderna. Os estudos preliminares estão concluídos no termo da década de setenta e são aprovados pelo Conselho de Administração. Porquê um Centro de Arte Moderna? É que, pensa ele com o aplauso dos colegas, a Fundação não pode fechar-se às manifestações do pensamento actual e antes lhe cumpre ampará-lo e estimulá-lo. Uma instituição como a Fundação Calouste Gulbenkian não é apenas lugar onde se guarde a memória da cultura do passado, mas é também espaço, tempo e modo de reflexão sobre a cultura do presente, nos domínios da educação, da arte, da ciência. Espaço de inovação, campo aberto à criatividade — e ao mesmo tempo fórum para a livre circulação e o debate livre das ideias, vector de transformação social e de progresso. O Centro de Arte Moderna, sem dúvida uma das realizações mais caras ao espírito sempre moço de Azeredo Perdigão, vem assim completar a majestosa catedral de cultura que a Fundação já era. Por isso, porque o Centro veio coroar condignamente a extraordinária obra que sob a inspiração genial de Azeredo Perdigão se tornou possível realizar em Portugal no campo da cultura, ninguém por certo deixará de considerar justíssima homenagem que o Centro de Arte Moderna — como o Conselho de Administração acaba de decidir — passe a ter doravante o nome do seu criador: Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Efectivamente, após a construção do Centro de Arte Moderna passou a existir em Lisboa um espaço destinado a manifestações culturais que, na sua beleza e completude, nas suas características singulares de multivalência e, por outra via, de repouso e isolamento em pleno turbilhão da



vida cidadina, talvez não tenha similar noutros países.

A Fundação Gulbenkian é sem qualquer dúvida a mais importante e prestigiada instituição cultural e beneficente do foro privado. Criou e mantém, embora em fase de transformação, uma rede de bibliotecas populares única no país, sob o lema, cunhado por Azeredo Perdigão, "Quando o homem (...) não procura o livro (...), o livro tem de procurar e interessar o homem para o servir, quer instruindo-o, quer recreando-o"; construiu e mantém um museu, esconjurio magnífico onde as jóias de uma colecção de arte sem preço se oferecem à fruição estética e ao deslumbramento dos amadores ou simples curiosos; ergueu de raiz um instituto científico onde durante anos se fez a investigação de alto nível que por factores vários se não fazia em Portugal; fundou e mantém em excelente nível uma orquestra, um coro sinfónico e uma companhia de bailado; dotou Lisboa e o País com um centro de arte moderna, onde se podem admirar as mais variadas e actuais manifestações da criação artística; ajudou a transformação radical do ensino superior e da investigação científica, através da concessão de largas centenas de bolsas e outros subsídios; tem exercido uma acção extremamente relevante nos campos da medicina e da cirurgia, apetrechando muitos serviços dos nossos hospitais com os mais modernos equipamentos.

E tudo se fez, directa ou indirectamente, sob a orientação superior, a atenção vigilante e o impulso poderoso do Doutor Azeredo Perdigão. Quando no futuro alguém quiser historiar a acção da Fundação Gulbenkian no País e no estrangeiro, terá de acrescentar a nota de que tal acção não teria sido possível ou teria sido bem outra sem a direcção inteligente, o poder criador e a visão rasgada daquele que foi o primeiro presidente da instituição. Já o afirmei e de novo o afirmo: Azeredo Perdigão foi o verdadeiro construtor da Fundação Calouste Gulbenkian.

DELINQUÊNCIA CULPAR NÃO CHEGA

*MANUEL COUTINHO

“**C**HAMAVA-SE Francisco, tinha 18 anos quando foi abatido a tiro quando fugia da cadeia”.

Na manhã seguinte, perante os seus jornais os leitores questionavam-se se deviam estar satisfeitos por o jovem em questão ter deixado de ser uma ameaça para a sociedade ou se devia reprovar os seus métodos policiais.

Posteriormente terão que enfrentar questões muito mais complicadas: porquê o juiz de menores enviou o rapaz para a cadeia? Porque é que o Francisco se evadiu quando apenas faltavam dois meses para terminar a pena? Como é que o psicólogo a quem o Francisco recorreu espontaneamente pôde acreditar que a prisão lhe seria benéfica? Que teria passado pela cabeça do guarda a quem disseram uma noite “vai um recluso a fugir” e que depois o abateu?

Este drama não terá tido as suas raízes muito antes?

[Adaptação de um texto extraído do 8º volume da *Enciclopédia Alfa Estudante*]

A delinquência juvenil é um problema que ainda se encontra em aberto, evidenciado nomeadamente pelas diferentes perspectivas no estudo da personalidade do jovem delinquente.

Há múltiplos factores que influenciam e determinam a conduta delinquente, embora os conhecimentos actuais privilegiem uns em detrimento de outros.

Provavelmente devido ao aumento verificado nas últimas décadas de jovens que manifestam condutas delinquentes, tem sido dada uma maior atenção a toda a problemática, nomeadamente no campo do tratamento e da readaptação.

No entanto, parece ser hoje mais importante uma actuação ao nível da prevenção destes comportamentos de modo a, pelo menos, atenuar a progressão que se tem vindo a verificar.

Um aspecto importante a realçar consiste em ver que a conduta delinquente é mais do que um comportamento, pois está igualmente ligada aos valores e normas sociais, à transgressão dessas normas e ao poder. O fenómeno da delinquência é por isso vasto e de estudo delicado e minucioso. A delinquência juvenil funciona muitas vezes como um pedido de ajuda por parte do jovem que não é ouvido.

Muitos de nós, ao ouvirmos falar de delinquência, tentamos imediatamente projectar nos outros, na sociedade, as nossas responsabilidades; procuramos sob pena de nos acusarmos a nós próprios, um bode expiatório que acarrete com as culpas.

É mais fácil para nós, porque magicamente deixamos de ser co-responsáveis pelo fenómeno e assim vivemos mais tranquilos e melhor com a nossa consciência.

A vida social só é possível graças a uma complexa teia de ligações, às quais desde a infância estamos unidos e vamos aderindo progressivamente de forma mais ou menos conformista; rebelando-nos aqui e ali pontualmente, mas regressando com facilidade ao padrão social habitual.

Lembro-me que quando era pequeno tirei uma maçã, numa fruitaria. Tirei não porque tivesse fome ou falta de afecto, mas sim para brincar, para ver se era capaz. Hoje verdade, seja dita, não sei mesmo porque o fiz...

Caso tivesse nascido numa outra família, em que a alimentação rareia e a educação se dilui na amalgama de sentimentos distorcidos a que todos os elementos da família permanecem inevitavelmente vin-



culados, certamente aí tirava a maçã não só para brincar ou para desafiar o senhor da frutaria, mas também para comer, para me alimentar, para poder satisfazer aquilo que os pais chamam necessidades básicas. Como ninguém se alimenta só de uma maçã, certamente iria repetir este acto várias vezes para ir sobrevivendo. Aqui e ali seria apanhado, umas vezes era perdoado, outras viajava até à esquadra da zona, onde a autoridade registava o meu nome e o dos meus familiares... Tantas vezes aconteceria que um dia lá ia eu para o tutelar de menores, porque era um pré-delinquente, um futuro marginal. Daí ao internato numa instituição de tutela era um pullinho, lá conheceria outros jovens que como eu tiveram o infortúnio de ter fome, de não ter brinquedos iguais aos dos outros meninos, de não ter Natal, de não ter educação, de ter um pai alcoólico de quem tinha de fugir para não ser soado...

Meninos a quem nunca ninguém deu atenção e carinho, a quem nunca ninguém fez uma festa. Rapazes revoltados, incompreendidos, vítimas da sua própria sorte.

Não nos podemos esquecer que há situações de miséria, de indife-

rença, de falta de afecto, de abandono social, que são incomportáveis para a sensibilidade. Se o indivíduo não se tornar frio e inacessível, deprime-se e morre psiquicamente.

Estas crianças são forçadas a ter a frieza afectiva, porque vivem situações desumanas, de tal forma dolorosas que de outra forma não as conseguiriam suportar.

São estas algumas das crianças que depois apresentam comportamentos agressivos sancionados socialmente.

Agora pergunto eu se serão eles os verdadeiros delinquentes a quem tudo ou quase tudo de bom foi negado, principalmente no que ao carinho e afecto diz respeito, ou é a sociedade no seu conjunto da qual todos fazemos parte a principal responsável por tornar a vida social cada vez mais delincente.

E sobretudo o mundo da incompreensão em que vivemos que torna as pessoas delinquentes. Mundo esse onde não se querem conhecer as causas. Ora sem causas não há delitos.

Sumariamente podemos dizer que a sociedade tanto é punitiva como geradora de delinquência. A transformação da sociedade é a transformação do homem social.

No fim de tudo, todos os homens deviam ser absolvidos, pois todos são culpados.

O que incomoda é a nossa impotência, ou mesmo indiferença, em criar as estruturas para uma vida condigna que preencha as expectativas dos jovens.

Jovens angustiados, deprimidos, sem horizontes, confrontam-se com um mundo de mentira, de falsos valores, de avidez de dinheiro, de exploração, de fome, de degradação, de violência.

*PSICÓLOGO CLÍNICO DO IAC

BREVES

COMISSÃO PARA A IGUALDADE E PARA OS DIREITOS DAS MULHERES — Integrada numa série de conferências/debates organizadas pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, realizou-se no dia 9 de Novembro, uma conferência, proferida por Manuela Fanes, subordinada ao tema "A Criança e o Instituto de Apoio à Criança".

ASSOCIAÇÃO LANÇA BOLETIM — A Associação Cultural e de Educação Popular, de Meadela, Viana do Castelo, com vinte anos de existência, em que tem realizado um trabalho para e com a criança, decidiu lançar um espaço de comunicação, formação e informação.

Trata-se de um boletim, com uma periodicidade trimestral, cujo número zero foi lançado em Junho último.

A FUNÇÃO EDUCATIVA DO BRINQUEDO — No dia 9 de Dezembro, realizaram-se, no Instituto de Reinserção Social de Leiria, as Jornadas "A função educativa do brinquedo — aprender brincando e jogando. Filomena Viegas, do IAC, apresentou uma comunicação sobre "Espaços Lúdicos e Animação".

IAC NA RÁDIO — Leonor Santos esteve, no dia 10 de Dezembro, na Rádio Comercial da Linha, onde participou num programa dedicado aos brinquedos e o Natal.

CIRCO CHEN AJUDA CRIANÇAS — Foi no dia 26 de Novembro, dia da antestreia do Circo Chen 2, instalado junto ao Colégio Militar. Na sua sessão das 21h30, o produto da venda dos bilhetes reverteu para o IAC.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL NO VATICANO

A CRIANÇA É O FUTURO DA SOCIEDADE

No Auditório Paulo VI, na cidade do Vaticano, realizou-se, de 18 a 20 de Novembro, a VIII Conferência Internacional promovida pelo Conselho Pontifical para a Pastoral da Saúde, sobre o tema "A Criança é o futuro da sociedade".

Porque o tema da infância nos dias de hoje apresenta grande complexidade, face às mutações e conflitos que ocorrem diariamente em todos os continentes, a realização desta conferência veio permitir um debate, uma reflexão e um aprofundamento das questões que afligem a sociedade actual, com especial incidência para as crianças.

Os temas foram apresentados por 66 especialistas e 20 moderadores — cientistas, investigadores, médicos, pediatras, pedagogos, juristas, sociólogos, teólogos, representantes da igreja —, à luz de uma visão cristã e no quadro da Carta Universal dos Direitos da Criança.

Portugal esteve representado por 30 participantes e o IAC presente através das suas presidente, vice-presidente e secretária-geral. As actas da conferência, cuja publicação está prevista para Abril de 1994, irão ficar disponíveis para consulta no Centro de Documentação do IAC.

ACÇÃO DE FORMAÇÃO OBJECTOS, PALAVRAS E IMAGENS



O Grupo de Actividade Lúdica do IAC realizou, nos dias 9, 10, 11 e 12 de Novembro, com o apoio do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, a acção de formação Objectos, Palavras e Imagens.

Foi a segunda de um conjunto de sete acções de formação previstas para o ano de 1993/94, e contou com a orientação de António Torrado, Natália Pais, Maria José Brito, Maria Augusta Seabra e Filomena Viegas.

Entre técnicos na área da educação e da animação, professores, psicólogos e estudantes, foram 29 participantes que estiveram nesta acção, que funcionou de uma forma dinâmica, permitindo uma ampla participação, quer individual quer em grupo, em torno dos temas desenvolvidos, desde a "Arte de contar histórias" à "Imagem criada e recriada — a ilustração".

A importância dos objectos, das palavras e das imagens, enquanto instrumentos exemplares e mágicos na relação da criança com os outros e com ela própria, mereceu especial atenção — tendo em conta que a criança aprende a manipular os objectos, as palavras, as imagens, aprende a dominá-los, a fruir deles, à medida que brinca, que joga, que constrói os seus saberes.

Da reflexão feita pelos participantes foram apontados os seguintes aspectos positivos: o contacto com as histórias e com as ideias para construir novas histórias; a abordagem antropológica de poesia de tradição oral que anda já esquecida; a vivência de actividade lúdica enquanto processo que se constrói e se recria; o contacto com os livros e outros materiais; o despertar para um novo olhar sobre os objectos, as palavras e as imagens.



Natal... Na província neva.
Nos lares aconchegados,
um sentimento conserva
os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
como a família e verdade!
Meu pensamento é profundo,
stou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
a paisagem que não sei,
vista de trás da vidraça
do lar que nunca terei!

FERNANDO PESSOA, POESIAS

ENCONTRO EM JANEIRO O JOGO E O DESENVOLVIMENTO

Para dar continuidade à reflexão iniciada quando da realização do I Encontro sobre o Jogo e o Desenvolvimento da Criança, no âmbito da investigação efectuada nesta área, vai realizar-se, na Fundação Calouste Gulbenkian, nos dias 10, 11 e 12 de Janeiro próximo, o II Encontro O Jogo e o Desenvolvimento da Criança — Perspectivas de Investigação.

Tendo como entidades apoiantes o Instituto de Apoio à Criança, a Associação para o Desenvolvimento da Faculdade de Motricidade Humana e o GCFE-ASCO, o Encontro procura centrar-se sobre as mudanças sociais e as suas consequências na rotina da vida das crianças, com particular interesse para a forma como a família e outros agentes de socialização organizam os seus tempos livres.

Carlos Neto, Pedro Sarmiento, Natália Pais e Leonor Santos integram a comissão organizadora.

